

Resenha Bibliográfica



Para o estudo da Televisão

Francisco Rüdiger

Elizabeth Bastos Duarte: *Televisão: ensaios metodológicos*.

Porto Alegre: Sulina, 2005.

Em linhas gerais, a semiótica constitui um método de análise dos fenômenos culturais cujo campo disciplinar pode ser dividido em dois. Por um lado, existe uma semiótica dura ou teórica, de cuja proposta nos dá bom exemplo a obra de Algirdas Greimas. De outro, existe uma semiótica leve ou aplicada, da qual seriam exemplo as “mitologias” escritas por Roland Barthes.

“Televisão: ensaios metodológicos”, de Elizabeth Bastos Duarte, possui o mérito de se situar entre esses extremos. A autora logra compor a reflexão teórica sobre o estudo da linguagem audiovisual própria à televisão com análises de casos concretos e significativos do ponto de vista do sujeito social envolvido com sua experiência cotidiana.

Os princípios do exclusivismo semiótico e da análise imanente se encontram relativizados no texto por boas observações a respeito do contexto social e da situação histórica em que se determinam os objetos de comentário. A exposição da abordagem disciplinar adotada é simplificada, sem perder o necessário rigor epistemológico.

Nesse sentido, o título mesmo da obra, primeiro volume da série “Estudos sobre o audiovisual”, é, em parte, enganador. A perspectiva metodológica não deixa de estar em questão e ser vivamente discutida no texto. Porém, encontramos nele também observações pontuais sobre fenômenos de mídia correntes que, com o aporte antes citado, conferem ao livro a leveza necessária para tornar a leitura agradável e produtiva, sem se pôr de lado a reflexão teórica que o legitima do ponto de vista acadêmico e epistemológico.

Bastos Duarte apresenta bons motivos para se crer que, a despeito dos esforços em contrário, “a semiótica teria muito a oferecer ao campo das mídias”, visto que “ela dispõe de aparatos teórico-metodológicos coerentes, consistentes e rigorosos, que poderiam servir de instrumento seguro nos percursos a serem percorridos pelas pesquisas” (*Televisão*, p. 22).

Sempre é bom lembrar, ela acrescenta, que “os processos comunicativos midiáticos se materializam em textos – os produtos midiáticos, e todos eles produzem significação e sentidos, utilizando-se da linguagem” (idem).

Apresentada essa oferta de colaboração, faz bem a autora em não rechaçar as possibilidades que surgem de outras disciplinas, procedendo a competente inventário dos fatores extra-semióticos *strictu sensu* que estruturam a experiência social da televisão.

Francisco Rüdiger é doutor em Ciências Sociais (USP) e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Contudo, falta na obra em juízo o viés espirituoso que cortava as páginas de *Fotos e grafias* (São Leopoldo: Unisinos, 2000). O ponto de partida deste era a máxima de sabedoria ensaística segundo a qual “só interessam os homens com quem partilho a humanidade” (*Fotos*, p. 7).

Quem depois de ler o livro se esquecerá do antológico “Emergentes e submergentes”, uma análise das celebridades, incluindo o fenômeno Vera Loyola? Espécie de versão feminina e tupiniquim de Michel Jackson, a celebridade nacional, representada por ela, caracterizar-se-ia por mascarar seus defeitos físicos e sua “inadequação ao mundo”, o que exige, para as mulheres, “arrebatar bumbuns caídos e suprir seios desconsolados” (p. 64).

A publicidade também é bem diagnosticada no livro, conceituada que é como uma forma que sensibiliza sem doutrinar e que, criando armadilhas para nossa liberdade de escolha, “converte a sociedade num conjunto sem exterior e sem acaso” (p.50).

Em geral, move-se uma série de processos contra uma mídia que “está celebrando a destruição da autoridade e de imagens que nos são caras, está apagando a história; está profanando valores como o heroísmo, o altruísmo, a generosidade”. O esforço é no sentido de nos fazer ver que seus padrões alienados, apascentados e consumistas, fazem “da tolerância álibi para a ausência de sendo crítico e a falta de convicções” (p.71).

Preocupações tão bem examinadas em *Fotos e Grafias* estão ausentes em *Televisão*. O resenhista está consciente de que não é a mesma a natureza das obras, divergentes em suas propostas e propósitos, mas nem por isso está proibido de expor seu julgamento comparado. A sensibilidade da crítica da cultura para com o que ainda é capaz de comover nossa humanidade sai de cena no texto mais recente, embora de modo algum se sucumba “ao modismo teórico emergente”, que “consagra a frivolidade teórica e promove valores pouco caros ao fazer intelectual” (p. 104).

A ferrenha defesa do rigor intelectual, da precisão dos conceitos, do argumento bem construído e da coerência metodológica, presente no outro trabalho, as-sume uma proeminência quase que exclusiva, esvaziando o texto da liberdade de espírito e atitude irônica que o seu objeto, em nosso entender, exige de forma imanente.

A consideração da televisão como agenciamento de textos, é certo, não se faz às expensas de sua consideração como aparato técnico e instituição social, ainda que a ênfase seja dada ao primeiro aspecto. O texto televisual, nota-se bem, é condicionado por um regime social, mas também por uma gramática cuja origem não está só nele mesmo. Os processos de seleção e combinação que nele encontramos são articulados igualmente pelas características, funções e recursos dos meios técnicos em que se inscrevem.

O aparato televisual confere aos elementos que agenciam sua linguagem uma sobredeterminação, que “impõe um conjunto de regras que normatizam suas formas de expressão, sua sintaxe de combinação, suas regras de seleção, adequando-as à gramática televisiva, funcionando [portanto] como recortes formais sobre a matéria significativa que as constitui” (*Televisão*, p. 63).

Depois de indicar os sujeitos sociais desse processo, as relações semiológicas que entretêm, as estratégias institucionais que os articulam para o espectador e a estrutura do fluxo televisual, como dizia Williams, penetra pouco a pouco a obra no campo do texto agenciado por

este meio de comunicação. Destaca-se então um terreno de transição entre o extra e o intradiscursivo, marcando o livro a forma como, neste objeto de estudo, é preciso levar em conta o condicionamento estrutural que, sobre o sentido, exercem elementos como a metalinguagem televisual, seus contratos comunicativos com a audiência e, sobretudo, os gêneros e formatos que definem a produção de sentido e o empacotam para consumo social.

Dizendo que o analista deve ter presente que os textos televisuais são assim modelados, de uma forma que o leitor interessado poderá acompanhar bem lendo a obra, a autora faz melhor ainda em dizer que isso não nos livra da análise caso a caso, visto que “os limites de cada programa muitas vezes não são facilmente definíveis [meramente partido de uma premissa teórica ou metodológica]” (p. 52).

Noutros termos, a pesquisa empírica e o estudo de caso singular são necessários. Baseado nessa convicção, o texto prossegue seu raciocínio, passando a enfatizar a questão dos formatos, mediante a análise da chamada “nova televisão”. Dessa nova televisão, anunciada por Umberto Eco ainda no começo dos 1980, seriam exemplos os programas gerados com imagens externas, mas sem script, os talk-shows, os telejornais de âncoras e os reality-shows: enfim, o que já se chamou de televisão-verdade.

Comentando o gênero e seus formatos, a autora não se deixa atraparalhar e nota bem que isso nada tem a ver com a verdade, no sentido da ontologia tradicional. Os signos do real encontram-se cada vez mais mesclados com os da ficção, do que resulta uma segunda natureza, exclusiva do mundo televisual. A televisão é uma empresa que se dedica hoje a “sustentar essa segunda natureza via a construção de um mundo inteiramente auto-referencial, que ainda se dá o luxo de importar fragmentos do mundo real que lhe é paralelo como artifício retórico para criar efeitos de realidade e naturalidade” (p. 87).

O capítulo 8 pode ser lido como ilustração dessa idéia, da forma como a televisão cria um universo à parte, dotado de suas próprias regras de promoção e de auto-reflexão. A televisão superou as resistências que o público eventualmente lhe opunha, revelando ela mesma seus processos de produção. O resultado é, porém, a tendência à constante e indiscriminada mistura de informação com entretenimento, o embaralhamento entre a telenovela e telejornal, entre atores sociais e personagens ficcionais, de cujo teor daria exemplo o showmício de “Seu Creyson”, durante a campanha eleitoral para a Presidência de 2002 (Praça da República, São Paulo – v. p. 103-104).

Finalizando a obra, encontrará o leitor capítulos analíticos sobre nossos telejornais, comédias de costumes e reality-shows. Varia neles a extensão dos materiais empregados e a profundidade das análises. O objetivo é fornecer ilustração das tendências em curso no universo considerado e testar os métodos de análise propostos no início do trabalho.

Entre tantos insights lançados nesta parte, como o relativo ao papel do “tom” (categoria fenomenológica, note-se), destacaríamos aquele segundo o qual é a noção de formato, imanente muito mais ao veículo do que ao programa, “que confere distinção e identificação a uma emissão televisiva”.

Na televisão, seria cada vez mais no plano das normas que estabelecem a priori o universo de emissão, do formato, que se definiriam os limites do mundo e a experiência do espectador (p. 137).

Resumindo nossa avaliação desta obra muito bem construída, afirmaríamos que, nela, aparece mais uma vez o que nos parece ser o principal problema da abordagem semiológica dos fenômenos de comunicação: a falta de explicitação do problema humano ou social que neles se coloca e da exploração hermenêutica de seu possível entendimento crítica emancipatório. A atitude da pesquisadora positivista, que suspeita de que algo no mundo pode não ir bem mas, apesar disso, está satisfeita com a precisão de seus métodos de análise fornece o tom do texto.

Bastos Duarte tangencia as portas de uma aproximação mais crítica e reflexiva em várias partes do texto, fazendo observações agudas sobre este ou aquele ponto em questão, mas não logra trazer para dentro do seu escrito algo daquele espírito iluminador que se acha, por exemplo, nos textos mais fortes de um Roland Barthes.

Falta no livro aquele tempero salgado e audacioso com que os semioticistas mais livres e sagazes, como já demonstrou ser a própria autora, sabem misturar o esclarecimento rigoroso proporcionado pelos textos teóricos mais duros com as suas observações mais espontâneas, críticas e maliciosas sobre uma cultura de massas que se revela cada vez mais ensimesmada, frívola e ordinária.